

O JEITO ERRADO DE AVALIAR A EDUCAÇÃO

Helio Gurovitz - REVISTA ÉPOCA - 11/12/2016

Não é exatamente uma novidade que a educação brasileira é uma lástima. A maior prova disso vem a cada três anos, quando costumam ser divulgados os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, ou Pisa, a prova da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) que compara, em 72 nações, alunos na faixa dos 15 anos, cujos conhecimentos são avaliados em três áreas: leitura, ciências e matemática. Não necessariamente pelos números – em geral não há surpresa: o Brasil piora ou fica na mesma. Mas, pela profusão de reportagens e artigos que veem neles aquilo que não dizem, consideram-nos um retrato fiel do ensino no país e acreditam que, para sanar os problemas da nossa educação, basta melhorar a nota em avaliações do tipo.

Tragédia das tragédias: em matemática, nossa média caiu de 389 para 377, depois de subir desde 2003 (era 356). Na prática, isso nada significa. Tanto faz tirar 3,6, 3,8 ou 3,9 na prova – é pau do mesmo jeito (a média foi 490). Quer dizer que os alunos brasileiros sabem hoje menos matemática que há três anos? De jeito nenhum. A estatística não permite dizer isso. Provavelmente sabem tanto quanto sabiam – muito pouco. Nas demais áreas, o quadro é semelhante: nota 401 em ciências (11 a mais que em 2006) e 407 em leitura (11 a mais que em 2000). A tragédia é igual, embora a chiadeira tenha sido menor. O maior problema nem está no desconhecimento de estatística de quem lê os números. Está em lhes atribuir o poder sobrenatural de medir a qualidade do ensino. O ministro da Educação, Mendonça Filho, afirmou que o Pisa revela nossa “tragédia”, nosso “fracasso retumbante”. É verdade que, desde a primeira edição, em 2000, estamos entre os 10% piores. Mas que significa isso? De novo, muito pouco.

Há tempos os critérios do Pisa vêm sendo torpedeados. Dois anos atrás, um grupo de especialistas em educação enviou um protesto formal à OCDE. O ranking do Pisa, dizem, é extremamente sensível a pequenas variações nas questões ou na amostragem dos alunos. Países como Suíça e Finlândia pulam para cima e para baixo sem mudança em suas escolas. Estatísticos contestam que a prova reflita de modo fiel os conhecimentos avaliados – pois tirar a mesma nota jamais significou saber tanto quanto. Ainda que refletissem, a metodologia usada no Pisa não permite inferir dos números a qualidade do ensino nos vários países, muito menos compará-los. Finalmente, o Pisa mede competências importantes, mas não as mais necessárias no mundo contemporâneo. “Exames como o Pisa avaliam habilidades cognitivas”, diz o educador chinês Yong Zhao em *Who’s afraid of the big bad dragon?* (Quem tem medo do dragão mau?). Mas as qualidades mais necessárias na economia moderna, como criatividade e empreendedorismo, “têm mais a ver com

habilidades não cognitivas: confiança, resiliência, determinação, mentalidade, traços de personalidade, traquejo social e motivação”. Nada disso é mensurável numa prova.

Radicado nos Estados Unidos, Yong faz em seu livro uma crítica veemente, precisa e bem informada ao ensino em sua terra natal e noutros países asiáticos que transformaram a educação numa batalha por notas em testes. Ele afirma que um traço comum une China, Coreia do Sul, Vietnã e Cingapura (campeã do Pisa neste ano): o autoritarismo, que impõe aos alunos uma disciplina férrea e lhes subtrai o gosto pelo aprendizado. Yong descreve escolas chinesas que se tornaram fábricas de notas, onde os alunos são adestrados como cães, qualquer desvio das normas é punido severamente – e a trapaça é endêmica. “A educação chinesa sufoca a criatividade, asfixia a curiosidade, suprime a individualidade e arruína a saúde das crianças. Angustia alunos e pais, corrompe professores e líderes. Perpetua injustiça social e desigualdade”, afirma. “Aquilo que deu à China seu desempenho deslumbrante no Pisa lhe custou caríssimo.” Yong mostra como os milhares de fraudes na ciência e na indústria chinesa em tempos recentes derivam dessa cultura. É essa a educação modelo para o mundo?

A disseminação dos testes como o Pisa conferiu à educação um caráter aparentemente objetivo, tentador para os empresários brasileiros, acostumados a avaliar seus negócios por meio de indicadores numéricos. Mas a educação não pode se resumir a isso. Alunos podem tirar 10 na prova, mas deixar a desejar na característica mais importante para os negócios desses mesmos empresários – inovação. “Eles ficam bons para resolver problemas previsíveis, mas não em descobrir soluções novas radicais ou em inventar novos problemas a resolver”, diz Yong. Como disse Millôr Fernandes sobre o xadrez, a prova do Pisa é uma ótima ferramenta para avaliar a capacidade de fazer a prova do Pisa. Educação é outra coisa – bem mais difícil que apenas tirar uma boa nota.